

Manifestações da cultura política paraibana: a campanha estadual de 1960*

Manifestations of political culture paraibana: the statewide campaign of 1960

Railane Martins de Araújo**

RESUMO

O presente artigo se propõe a fazer uma leitura sobre a campanha ao governo do estado da Paraíba no ano de 1960. Enfocamos em nossa discussão como o principal candidato, Pedro Moreno Gondim, evocou, durante todo o período de campanha, elementos próprios da cultura política e histórica do estado, visando conquistar legitimidade política. Utilizamos como fontes para nossa análise as falas dos jornais *Diário da Borborema*, *O Norte* e *A União*. Dialogamos ao longo do texto com os teóricos que discutem o universo da *teatralização política*, sobretudo Geertz (1998) e Balandier (1982), pôr entendermos que as retóricas utilizadas durante as campanhas são peças teatrais que contribuem para sedimentar uma identificação entre os candidatos e o público, alvo de todo o processo de disputa simbólica que envolve a política. Desse modo, percebemos a constante investida do candidato em tomar para si o espólio político de nomes como o do ex-governador do estado, João Pessoa, além da evocação constante de aspectos como bravura, coragem, ousadia, os quais compõem o imaginário mítico da *paraibanidade*. Sendo assim, a articulação da imagem de Pedro Gondim com tais elementos identitários constitui um belo palco para as encenações do teatro de sua campanha, vitoriosa, ao Governo do Estado da Paraíba.

PALAVRAS-CHAVE: Pedro Gondim; campanhas eleitorais; cultura política; teatralização do poder; paraibanidade; Paraíba; Brasil.

ABSTRACT

This article aims to do a reading about the campaign for governor of Paraíba in 1960. We focus our discussion as the leading candidate, Pedro Moreno Gondim, raised throughout the campaign period, proper elements of political culture and history of the state, aiming to gain political legitimacy. Used as sources for our analysis of the speeches *Gazette Borborema*, *North Union* and dialogue over the text with the theorists who discuss the universe of *political theatrics*, particularly Geertz (1998) and Balandier (1982), because we understand that rhetoric used during the campaigns are plays that contribute to sediment identification between the candidates and the public, subject to any dispute process that involves symbolic politics. Thus, we see the constant onslaught of the candidate to take for himself the spoils of political names like the former state governor, Joao Pessoa, besides the constant evocation of aspects such as bravery, courage, boldness, which make up the imaginary mythical of Paraíba. Thus, the articulation of the image of Pedro Gondim with such evidence of identity, is a beautiful backdrop for the staging of the theater of his campaign, victorious, the Government of the State of Paraíba.

KEYWORDS: Pedro Gondim; electoral campaigns; political culture; performance of power; paraibanidade; Paraíba; Brazil.

* Esta discussão é parte integrante do 1º Capítulo da dissertação de mestrado apresentada pela autora ao Programa de Pós-graduação em História (PPH) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no ano de 2009, intitulada: *O Governo de Pedro Gondim e o teatro do poder na Paraíba: imprensa, imaginário e representações (1958-65)*. A referida pesquisa contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) / Brasil.

** Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) / Brasil.

Este artigo tem como foco a discussão em torno do processo eleitoral que envolveu a candidatura de Pedro Moreno Gondim (PDC) ao Governo do Estado da Paraíba, no ano de 1960. A análise de tal processo se dá diante dos elementos culturais e identitários evocados pelo candidato, uma vez que os discursos por ele utilizados tinham como objetivo promover, ou consolidar, sua aproximação com o “povo da Paraíba”, em um movimento pautado naquilo que chamamos, a partir de Balandier (1982), de Teatralização Política. Ao longo do artigo esclarecemos tal conceito, bem como explicitaremos, a partir das falas dos jornais da época, sobretudo os jornais *O Norte*, *A União* e *Correio da Paraíba*, como se montavam as peças retóricas que envolviam a aura do candidato em um caráter mitificado, pautando tal “mito” nas necessidades sócio-econômicas e culturais da própria região.

A figura de Pedro Gondim aparece no cenário político local desde 1946, quando foi eleito Deputado Estadual pelo Partido Social-Democrático (PSD), reelegendo para um segundo mandato nas eleições de 1950. Durante este segundo mandato Gondim foi convidado pelo então governador, José Américo de Almeida, para assumir a Secretária da Agricultura Viação e Obras Públicas da Paraíba.

Em face das eleições estaduais de 1956, o nome de Gondim é cotado para a vice-governadoria do Estado, ao lado de Flávio Ribeiro Coutinho (UDN). Após eleitos, Flávio Ribeiro adoece e se afasta do governo, deixando a administração estadual nas mãos de Pedro Gondim. Desse modo, entre janeiro de 1958 e março de 1960, Pedro Gondim governa a Paraíba de forma interina. Nesse espaço de tempo, Gondim elabora e difunde, através do jornal estatal *A União*, uma série de significados positivos em torno de seu nome como governante. Isto porque os anos da administração interina de Pedro Gondim foram concomitantes ao final do período JK. Dessa forma, percebemos que as apresentações que envolviam a administração do governador, sobretudo as feitas pelo referido Jornal, apontavam Gondim como o político necessário à Paraíba naquele momento.

Os discursos de *A União* procuravam sempre transmitir a idéia de que o estado vivenciava uma situação de tranquilidade e desenvolvimento econômico, tal como se anunciava no cenário nacional.

Acreditamos assim, que devido ao discurso desenvolvimentista de

Juscelino Kubitschek, cristalizado na esfera nacional, existia possibilidade de Gondim também sedimentar uma imagem, na dimensão local, de um governante desenvolvimentista. Essa nossa assertiva parte da idéia apresentada por Raoul Girardet (1987: 86) de que existem momentos propícios, ou momentos de efervescência, como classifica o autor, para a construção de enunciados, os quais tendem a legitimar um simbolismo em volta de determinados sujeitos, transformando-os, assim, em *mitos* ou ícones da política de um Estado ou mesmo de Nação.

Desse modo, o jornal *A União*, entre o período que decorre de janeiro de 1958 a meados de março de 1960, apresentava, quase que diariamente, os feitos que Pedro Gondim desempenhava “*em todos os recantos do Estado*”, com sua “*dinâmica administração*”. O objetivo desse discurso, tal como apresentado anteriormente, era transmitir à sociedade paraibana a idéia de que a Paraíba em nada estava inferiorizada quanto à política de desenvolvimento nacional, ao mesmo tempo em que se cristalizava uma imagem de harmonia entre o governador e o presidente, sentida principalmente através da ação do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

O recurso *teatral* que perpassava estas apresentações apelava para a pujança do Governador, que logo ao assumir o poder passou a rastrear os principais problemas do estado na busca por soluções. Dentre as ações de *dinamismo administrativo* que envolvia o governador destacamos o fato de suas ações mais recorrentes se direcionarem para a solução das mazelas sociais causadas pela estiagem. Acreditamos assim, que o objetivo de Gondim na montagem de todo um cenário no qual ele acenava como solucionador de problemas emergências para o estado, além de ser um governante comprometido com o desenvolvimento, eram uma estratégia de legitimação política e de conquista de adeptos, para que, posteriormente, seu nome fosse cotado para a sucessão ao governo estadual.

O resultado eficaz de tal elaboração discursivo-simbólica foi sentido pelo calor da sua candidatura em 1960, quando, mesmo rompendo com seu partido o PSD por oposições internas a sua candidatura, Gondim, filiado neste momento ao Partido Democrata Cristão (PDC), alcançou uma vitória expressiva diante de seu principal rival, Janduhy Carneiro, irmão de Ruy Carneiro, líder do seu antigo partido.

As eleições estaduais na Paraíba em 1960: um estudo de caso

Nossa análise neste momento busca enfatizar os recursos simbólicos e as representações utilizadas pelo candidato Pedro Gondim no pleito estadual de 1960. Nos inquieta perceber como foram montadas as relações de identificação entre o candidato e a população, através das imagens e discursos que foram produzidos e difundidos no estado por alguns jornais. Neste sentido, através da apreciação dos elementos culturais e históricos elencados durante a campanha, e apresentados na imprensa, visamos perceber a construção da *teatralização política* em torno de Gondim, construção esta que buscava cristalizar um reconhecimento entre ele e a população paraibana, garantiu-lhe, assim, a vitória no processo de disputa política. O *espetáculo político* compõe a idéia de *teatralização do poder*, conceito aqui apropriado, primeiramente, de George Balandier (1982). Esse conceito envolve a idéia de que todo poder para ser reconhecido como legítimo precisa sedimentar-se em determinados recursos simbólicos presentes na sociedade, para a qual o discurso político está a se direcionar. O sujeito que protagoniza as cenas da política busca cristalizar para si uma representação que o identifique com as aspirações de sua sociedade, de modo que a legitimação do poder em suas mãos seja facilitada. O *público* é, assim, envolvido pelas emoções e intempéries da encenação política. Balandier (1982) considera que o político estabelece através da dramatização e da manipulação do imaginário social, uma dominação legítima. O autor afirma que

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. Estas operações se efetuam de modo variáveis, combináveis, de apresentação da sociedade e de legitimação das posições do governo. [...] (p. 7) ¹.

¹ Outro autor que nos ajuda em muito a ampliar a idéia de teatralização política é o antropólogo Clifford Geertz. Em *Negara: o Estado Teatro* (1991: 165), Geertz apresenta a composição política e social de Bali, ressaltando o papel da *encenação* na legitimação da figura do monarca e de sua corte. *Negara* é para o autor um estado que combina a *pompa*, o *status* e a *governança* e o êxito de tal combinação se apóia na proclamação do poder. Os balineses, segundo Geertz, exibem a *simbologia do poder*, de modo a apresentar um tipo de estrutura social e política, na qual a *encenação do poder* é um componente da própria complexidade e estratificação da sociedade de Bali. Geertz justifica o poder real em Bali da seguinte forma: “Era o culto ao rei que o criava, que o elevava de Senhor a ícone; isto porque, sem o drama do Estado-teatro, a imagem de divindade composta não podia sequer formar-se”.

Compreendemos, assim, que a legitimação de um sistema de poder precisa estar envolta em uma *retórica de poder* própria, que reforça os sentimentos, aspirações e revanchismos presentes na própria sociedade, da qual é fruto. Essa retórica, na perspectiva de Clifford Geertz, é a personificação do *espetáculo da política*, o qual transforma ações em “sentimentos colectivos”, justificando as decisões do Estado como sendo uma ratificação da prática social.²

Sendo assim, a partir da idéia de *teatralização do poder*, compreendemos que o aparato simbólico que envolveu a campanha de Gondim em 1960 começou a ser construído durante a interinidade. Isto porque ele se utilizou de sua posição privilegiada como governador do estado para manobrar o discurso do jornal *A União* em seu favor. O objetivo era gradativamente moldar sua identificação com o eleitorado paraibano, sedimentando em volta dele uma imagem relacionada com o dinamismo, com a preocupação em ajudar o *povo* carente, ou seja, através das páginas de *A União* se massificou uma representação de Gondim como um administrador empenhado no progresso econômico social do estado.

Neste sentido, tomamos, para corroborar com nossa idéia, a afirmativa da historiadora Monique Cittadino (1998: 96), de que já durante o ano de 1959, sem que as candidaturas tivessem sido apresentadas, tomava corpo no estado o “movimento queremista”. Segundo a autora, o “queremismo” reivindicava a candidatura de Gondim ao próximo pleito que ocorreria em outubro de 1960. Desde modo, o processo de articulação e sensibilização do eleitorado empreendido por Gondim iniciou-se no seu mandato interino através do empenho do governador em explorar sua imagem como liderança popular. As articulações de Gondim visavam, segundo Cittadino, uma futura articulação para lançar-se candidato. A autora afirma que

Percebedor de que a sua ascensão ao cargo de governador era definitiva (já que o grave estado de saúde de Flávio Ribeiro demonstrava que a possibilidade de sua volta era extremamente remota) e com metade do mandato a sua frente, Pedro Gondim procurou imprimir a sua marca pessoal ao “novo” governo que se iniciava, traçando um plano de trabalho específico para a sua administração. *As novas diretrizes impostas por ele ao Governo do Estado lhe renderam a conquista de ampla popularidade que se refletia nas manifestações de apoio e nos elogios vindo dos mais diversos setores, o que criava um clima favorável à sua permanência no governo ao fim do mandato de Flávio Ribeiro.* (CITTADINO, 1998: 95. Grifos nossos).

² Ver: Geertz (1998: 155).

Compreendemos que vigorava durante o governo interino de Gondim a promoção de sua auto-imagem no jornal do estado, que enaltecia sua posição como administrador e como homem público, explorando seu engajamento nas questões relativas ao desenvolvimento da região Nordeste, bem como sua atuação ostensiva na supressão das mazelas causadas pelas secas.

Foi em meio à construção dessas representações, cuja função era enaltecer o governador, que se apresentou a questão da sucessão para o governo. O apelo da Paraíba ao nome de Gondim foi apresentado por *A União* como um clamor que se fazia ouvir em todo o estado. Clamor popular que anunciava também uma crise política que marcou não apenas a campanha, mas também os anos do segundo governo Gondim. A crise se deu pelo fato de que o PSD, partido do Governador, tencionou lançar a candidatura de Janduhy Carneiro, irmão do então senador e líder do partido no estado, Ruy Carneiro, para a sucessão governamental.

Somando-se a questão da predileção do partido por Janduhy Carneiro, existia o fato da candidatura de Gondim se configurar como ilegal. Os seus oponentes afirmaram que ele não poderia se candidatar porque já era governador, e a constituição brasileira vigente não previa reeleição no país. Gondim, no entanto, afirmava que a legalidade de sua candidatura se apoiava no fato de ser governador interino, uma vez que Flávio Ribeiro, o governador eleito, estava vivo, apenas ausente da função. Caso Ribeiro viesse a óbito, Gondim seria sim seu sucessor, o que não era ainda, o caso.

Devido às informações acerca do agravamento da saúde de Flávio Ribeiro, Gondim renuncia. A renúncia possibilita legalmente sua candidatura.

Transcorrido mais de um mês da renúncia, “na madrugada do dia 29 para o dia 30 de abril de 1960” (CITTADINO, 1998: 100), dá-se a *ruptura* de Gondim com o PSD e a oficialização de seu nome ao pleito. O afastamento de Pedro Gondim dos quadros pessedistas alterou significativamente o clima político no Estado, e transferiu o poder estatal para as mãos de José Fernandes de Lima. O jornal *A União*, agora sob nova administração, passou a apresentar Gondim sob aspectos bastante diferentes dos que outrora havia feito. A articulação do novo Governador com os irmãos Carneiro interferiu de forma maciça, nos discursos que se desenrolam no Jornal do período que transcorreu da renúncia de Gondim até sua posse em Janeiro de 1961.

Desta forma, para que possamos visualizar os discursos nos quais Gondim era enaltecido e tinha sua candidatura enaltecida, utilizaremos a partir daqui o jornal *O Norte* e o *Diário da Borborema*, uma vez que o jornal *A União* apoiava a candidatura de Janduhy Carneiro, apresentando Gondim como o candidato de oposição ao governo, naquele momento representado por José Fernandes de Lima.

Em reportagem de primeira página no dia 3 de maio de 1960, *O Norte* traz a maciça aceitação da Paraíba ao nome de Pedro Gondim como candidato. O teor da apresentação busca mobilizar e contagiar o leitor. A reportagem apresenta que:

Entusiasmo quemista tomou conta de João Pessoa no dia 1º de maio: Povo foi à Praça do Trabalho e saiu pelas ruas (grande passeata).

Pedro Gondim (ficou confirmado) é líder absoluto das multidões – O povo mostrou que não tem medo e está com Pedro [...] (Grifos nossos).

A construção da imagem do candidato Gondim como “líder absoluto das multidões” se sedimentou, principalmente, no fato dele ter assumido uma postura de contestação à autoridade de Ruy Carneiro, rompendo com o PSD e lançando-se candidato. Após esse ato, se assistiu no processo de disputa eleitoral a montagem de um grande *espetáculo político*, no qual o enredo apresentava o combate entre o “herói” Pedro Gondim e o “carrasco” Ruy Carneiro.

Neste sentido, nas eleições para o governo da Paraíba em 1960, os discursos que apresentavam a candidatura de Pedro Gondim buscavam apontar o seu envolvimento com a população. Discursos inflamados almejavam despertar na população um sentimento de mobilização e apoio ao candidato da *ousadia* e da *mudança*.

O jornalista Josué Sylvestre, lembrando esse processo eleitoral, apresenta o efeito popular que o nome de Gondim despertava. A postura assumida pelo candidato durante o pleito, sobretudo sua ousadia em *romper* com Ruy Carneiro, era um dos motivos da adesão popular ao seu nome. Para nós esses símbolos elencados durante o processo de campanha se configuraram como uma espécie de trampolim político através do qual Gondim atingiu as aspirações do eleitorado paraibano. Ao apresentar um dos *slogans* de campanha de Pedro Gondim, o jornalista aponta que:

A campanha de Pedro Gondim foi uma das mais vibrantes de toda a história da Paraíba.

Com seu slogan de forte apelo popular “*Quem é o homem? _ o homem é Pedro!*”, contagiou o eleitorado de todos os quadrantes do Estado, o gondinismo virou uma verdadeira “doença”. (SYLVESTRE, 1988: 315. Grifos nossos).

A partir do *slogan* de campanha que trazia a inquietante indagação: “*Quem é o homem? O Homem é Pedro!*”, podemos tecer algumas considerações acerca da apresentação de Pedro Gondim como candidato, sedimentado em uma *teatralização* de sua imagem. A expressão do *slogan* indica Gondim como o político habilitado a representar o eleitorado –representação aqui compreendida como delegação de autoridade –; o discurso empregado assinala a necessidade de validar o representante, apontando-o como um sujeito dotado de uma capacidade singular para o exercício do cargo que se está a pleitear, visto que este já é conhecido dos eleitores, afinal, “*o homem é Pedro!*”. Um homem conhecido dos paraibanos, sensível às suas necessidades, comprometido com o *povo* e não com os poderosos. Todos esses significados estão implícitos na expressão apresentada em torno do candidato, uma vez que o conceito de representação política carrega à máxima: “*Pelo Povo, Com o Povo, Para o Povo!*”.

Segundo a socióloga Irllys Barreira (1998), durante os processos eleitorais no Brasil, se apresentam os usos de simbologias e *recursos teatrais*. Alguns dos elementos simbólicos mencionados pela autora quando analisa os ritos eleitorais nacionais são adequados aos perfis das candidaturas paraibanas, sobretudo, no que diz respeito à busca pela proximidade e a identificação com o eleitorado. Quando Gondim defendeu sua candidatura possibilitou a construção de discursos, bem como a evocação de simbologias em torno da resistência ao mandonismo do partido que estava a desempenhar. Ao assumir a posição de candidato, se resignando quanto a sua expulsão dos quadros pessedistas, mas levantando a bandeira da resistência aos abusos do poder, como também a bandeira da mobilização e da mudança, Gondim adquiriu para si todos os riscos que representava o lugar da oposição, mas também se apropriou de toda uma gama de virtualidades presentes no imaginário político paraibano quanto aos homens que, com “coragem”, encampam a resistência.³

³ Ver: entrevista de Helio Zenaide a Cittadino (1998: 100).

Um exemplo dessas associações se encontra nas narrativas de *O Norte*. Nessas, desde o processo da *ruptura*, até as vésperas do pleito de 1960, aparecem em torno do nome de Pedro Gondim, a associação com a idéia de mudança, de inovação, de ousadia e de dinamismo. O ponto crucial das glórias do candidato concentra-se no momento que ele deixa os quadros partidários do PSD, afirmando que levará sua candidatura à frente, mesmo sem recursos, pois apostava no apoio da população a seu nome. Em sua declaração, Gondim afirma que: “não tenho dinheiro, mas o povo da Paraíba tem muito caráter”. (*O Norte*, 19/03/1960, p.8). Na perspectiva do candidato, a população paraibana, por ser dotada de *caráter e convicção de moral*, estaria posicionada ao seu lado, contra aqueles que estavam a demonstrar intolerância e ganância político-partidária, sem se compatibilizar com as necessidades do povo.

Sobre o gesto ousado de Gondim em *romper* com o PSD, a coluna de José Souto confere ao candidato atributo valorativo pelo “gesto corajoso” que apresentou. Em sua narrativa o jornalista afirma que:

Muita gente duvidava que o sr. Pedro Gondim tivesse coragem suficiente para abandonar o governo do Estado, desincompatibilizando-se para se candidatar ao mesmo posto para o quinquênio que se iniciará em janeiro do ano vindouro. [...] o ex-governador é apontado como um homem de coragem, pronto para toda empresa que seja preciso enfrentar, não enfeitando parada por difícil.

[...].

Foi, certamente, um gesto muito corajoso do sr. Pedro Gondim, porque toda briga política tem como fito atingir o poder e o ex-governador, que nele estava, desceu para a planície, tornado-se homem do povo. (*O Norte*, 20/03/1960, p.2).

Em outra reportagem, *O Norte* apresenta: “O sentido de uma renúncia”. Na narrativa aparece a exacerbação do sentido da posição do candidato Pedro Gondim em romper com Ruy Carneiro. Seu gesto de rachar com a ortodoxia pessedista e se lançar candidato é ovacionado pelo moralismo e pela demonstração de força que concentra. Ao mesmo tempo, através dessa decisão, Gondim passava a despertar o civismo do povo paraibano, bem como a confiança em futuros dias de glória para o Estado. O texto aponta que:

A veneração com que a Paraíba está cercando Pedro Gondim nesses dias que sucedem à sua renúncia ao poder, é desses espetáculos vibrantes nos quais se restaura a fé no civismo de um povo. É como se a Paraíba tivesse se reencontrado a si mesma. Retornado à sua estrada de sacrifício e de glória onde, muitas vezes, o idealismo superou as desvantagens materiais. Está a Paraíba, nos quatros cantos do Estado, com veemência apaixonada, respondendo ao brado altivo do destemido governante de ontem que está sendo a encarnação de nossa consciência cívica. A Paraíba não é estranha, nunca foi, a esses atos de

desprendimento heróico, a essas atitudes altivas que galvanizam a fé e a admiração de um povo. (*O Norte*, 22/03/1960, p.8).

A reportagem do dia 1º de maio de 1960 de *O Norte* traz em primeira página a resposta de Gondim à expulsão que lhe foi imposta por Ruy Carneiro. A chamada da manchete é a frase clássica da rebelião: “Prefiro ser expulso por rebeldia a ser condecorado por subserviência”. Na seqüência dessa frase, o mesmo enunciado traz: “Pedro Gondim responde com altivez à violência do diretório do PSD”. A reportagem apresenta para o público leitor do estado, as palavras endereçadas por Gondim a Ruy Carneiro, em um telegrama enviado no dia seguinte a sua eliminação dos quadros pessedistas:

João Pessoa, 30 –Senador Ruy Carneiro– Prefiro ser expulso por rebeldia a ser condecorado por subserviência. Só não poderão devolver é o meu grande trabalho já incorporado ao patrimônio do Partido e a vitória de V. Excia. Sou expulso porque não aceitei a candidatura do seu irmão. E qual a sentença que se imporá ao povo paraibano por derrotá-lo nas urnas em 3 de outubro? –Pedro Gondim.

Ao lado do telegrama está a foto imponente de Gondim com a seguinte legenda: “PEDRO GONDIM: candidato das oposições ao Governo do Estado”, tal legenda transmite uma idéia de aliança em torno do nome de Gondim por parte de todos que estavam insatisfeitos, na Paraíba, com o Governo em exercício –José Fernandes de Lima– assim como com os desmandos do PSD na pessoa de Ruy Carneiro.

Incorporado ao discurso de campanha do candidato Pedro Gondim, a idéia de *ruptura* era explorada de forma ostensiva, sempre associada à representação de coragem e resistência. As “célebres” palavras proferidas no telegrama enviado por Gondim ao partido, em resposta à sua “expulsão”, transformam-se em um *slogan* de efeito para sua candidatura. Efeito principalmente no que dizia respeito ao simbolismo que desencadeou, visto que a contestação aos abusos e aos desmandos produziu a evocação de valores pertencentes a sociedade, já cristalizados em seus códigos morais e culturais. A frase de Gondim: “Prefiro ser expulso por rebeldia a ser condecorado por subserviência”, convidava todos os paraibanos a posicionarem-se contra o PSD, contra Janduhy e Ruy, e, rebeldemente, demonstrarem sua força e altivez no pleito de outubro.

Irlys Barreira (1998: 18) nos reporta à recorrência ao *signo da ruptura* nos processos políticos nacionais, sobretudo nas campanhas políticas. Para nós, esse elemento se faz presente também em campanhas estaduais e locais, visto que na

história política da Paraíba o discurso da “ruptura” apareceu em diferentes momentos, forjando uma *cultura política*, a qual, sempre que necessário, é evocada pelos políticos locais, como no caso de Gondim.

Acreditamos que esse discurso de *ruptura* tente a forjar uma aproximação entre o sujeito que encampa a “rebelião” e os outros elementos da sociedade que de alguma forma tem motivos para também se rebelar. Esse processo subjetivo de identificação é inerente à forma como a sociedade lê e compreende sua história e seu passado, ou seja, a sua *Cultura histórica*.⁴

Como exemplo da ênfase a postura “rebelde” de Pedro Gondim, encontramos nas narrativas do jornal campinense *Diário da Borborema* a existência e uma recorrência significativa a discursos que apresentavam o candidato como um arauto da coragem, além desta característica, segundo o jornal, Gondim era também um homem identificação com o “povo simples e honesto” do estado.⁵ Neste sentido, a reportagem do dia 11 de setembro segue afirmando que

Governador Pedro Gondim (1961-1966)

Contra a oligarquia, o suborno e a corrupção; contra a proteção aos pistoleiros e capangas que massacram o POVO pelo crime das manifestações democráticas nas praças e nas ruas; contra a política do empreguismo e a falta de escrúpulos com que o Governo de José Fernandes e seus apaziguados dissipam os dinheiros públicos; contra tudo que aí está, envergonhando e deprimindo o nosso Estado, Pedro voltará para constituir a felicidade do Paraíba. (p.1).

A associação de Gondim com a imagem da *ruptura*, saindo de uma política conservadora, a qual era marcada pelo tradicionalismo oligárquico, lançava sobre o candidato de situação, Janduhy Carneiro, o ônus do continuísmo. O apelo a essa idéia de transposição de conduta esteve presente em outros momentos da política local, constituindo, portanto, um elemento relevante de nossa *cultura histórica*.

Um dos mais clássicos exemplos, utilizados nos discursos políticos da

⁴ O conceito de Cultura Histórica pode ser compreendido como a relação que uma sociedade estabelece com seu *passado histórico*, o que possibilita a elaboração de representações, identidades, formas de se compreender e se situar em relação ao seu próprio passado, bem como ao tempo presente. (FLORES, 2007; GOMES, 2007). A *cultura histórica* pode ser também resultado de uma memória coletiva, através de narrativas do passado de um grupo, e pode ainda ser fruto de uma *escrita historiográfica*, por meio da qual os historiadores, de ofício ou não, constroem uma determinada versão sobre os acontecimentos passados e presentes. Tais versões podem atingir um grau tão elevado de legitimidade que acabam por contribuir para a formação de identidades e representações coletivas.

⁵ Reportagens dos dias 4 e 31 de agosto de 1960, ambas em 1ª página.

cultura histórica paraibana, diz respeito à trama envolvendo o assassinato do presidente João Pessoa. As circunstâncias desse episódio foram, por diversas vezes, evocadas por Pedro Gondim e pelos discursos em torno de seu nome. O candidato apresentava que os princípios que moveram politicamente João Pessoa, principalmente a *ruptura* com as oligarquias e com o mandonismo local, eram os mesmos princípios que estavam a movê-lo contra Ruy e Janduhy Carneiro. O que possibilitou a Gondim se dirigir à população paraibana com esse *rito de apresentação eleitoral* é o fato de existir no imaginário político e social da população paraibana um *feedback* com relação à morte de João Pessoa, que não cabe discutir neste texto, mas que pode ser encontrado em bibliografia pertinente ao tema.⁶

Uma das menções feitas durante a campanha buscava atrelar a conjuntura, na qual surgiu a candidatura de Gondim, a outros momentos políticos de definição e de crise da política local, momentos propícios, portanto, para (a) despertar dos sentimentos e valores do povo paraibano. Na reportagem de *O Norte* aparece da seguinte forma esse desprendimento do povo paraibano em função do apoio a Gondim:

A cruzada democrática que empreende o candidato do udenismo e das outras correntes partidárias do Estado, empenhada na salvação da Paraíba, *despertará, sem dúvida, os bríos de um povo sempre alerta para formar ao lado dos movimentos de sentido democrático. [...]. (O Norte, 08/05/1960, p.1. Grifos nossos).*

O discurso de *O Norte* apresentava Gondim, ao embalar as emoções populares, despertando os *bríos do povo*, que recebia em contrapartida o calor e a vibração dos eleitores paraibanos. Durante a homologação oficial de sua candidatura, Pedro Gondim, no Parque Solon de Lucena, foi cercado, segundo esse jornal, por uma imensa aglomeração popular. A reportagem apresenta que

O lançamento oficial da candidatura Pedro Gondim, em convenção a céu aberto, pelo Partido Socialista Brasileiro, anteontem, constituía a grande arrancada popular de uma marcha triunfal, cujo objetivo é a reconquista do governo pelo povo, através do seu legítimo candidato. Aproximadamente dez mil pessoas acorreram ao Parque Solon de Lucena registrando-se, durante toda a concentração, indescritível e contagiante entusiasmo. Dir-se-ia que o povo rebelde de João Pessoa fora desaguar na plácida Lagoa, que tanto nos enfeita, a caudal de toda a sua vibração cívica, em correntes incontidas do mais puro idealismo

⁶ Sobre a memória do Movimento de 1930 na Paraíba ver as dissertações: *Inventando Tradições, Construindo Memórias: A “Revolução de 30” na Paraíba*, de autoria de José Luciano de Queiroz Aires (2006: 6-22), e também a de Genes Duarte: *Sacrifício, heroísmo e imortalidade: a arquitetura da imagem do presidente João Pessoa* (2009).

paraibano.

Foi uma consagração. Foi uma definição coletiva. Foi julgamento popular antecipado. Foi uma prévia apuração da vontade do povo, a ser sentenciada nas urnas de três de outubro. (*O Norte*, 15/05/1960, p. 8).

Ainda neste encontro no Parque Solon de Lucena, em um momento decisivo de sua afirmação como candidato ao governo, Gondim utiliza em seu discurso de uma expressão célebre na memória política da Paraíba, o *NEGO*.⁷ Pedro Gondim, durante a apresentação de suas propostas de Governo, *negava* qualquer tipo de articulação que viesse a impedir a vontade do povo em colocar no poder um sujeito identificado com suas necessidades e anseios de mudança e de democracia. Gondim atesta que

Para afirmar os novos rumos, as tendências modernas do Estado, teremos fatalmente de negar as práticas superadas, as crenças abolidas, as normas vencidas, o edifício ameaçado de ruir à força irresistível do tempo [...] Por isso senhores convencionais, em nome de nossa Paraíba e de sua vocação dinâmica, de seu desejo ardente de implantar um Governo atual em meio a uma política renovada, aceito vossos reclamos e, publicamente:

NEGO a conspiração dos que resistem à vitória, na Paraíba, do Governo popular, fundamentado na consulta direta as tendências de opinião e na convocação para as tarefas administrativas dos legítimos valores oriundos do povo. (...). (*O NORTE*, 17 de maio de 1960, p.4).

Essa identificação entre a conduta entre Gondim e a de João Pessoa ficou ainda mais evidente na coluna escrita por Crisanto Telles, na qual o jornalista afirma que:

A Paraíba em 1930 era uma fogueira crepitante. João Pessoa negara submissão às determinações do Poder Central, conquistando com essa atitude varonil um lugar na história. O ambiente era trepidante. A Paraíba se dividiu entre os acomodados e os rebeldes, esses últimos, somando quase toda posição, pois mesmo entre aqueles muitos havia que não fossem compromissos de ordem partidária desejariam formar na legião dos combatentes da boa causa.

Atualmente, mesmo sem agudeza de observação, constata-se que os dias tem grande semelhança com aquelas horas heróicas, quando marchamos, impelidos pelos acontecimentos, para o desfecho trágico, que culminou com a destruição da velha ordem oligárquica.

Também como naquela época a rebeldia de um homem acompanhado

⁷ A expressão *NEGO* foi empregada pelo então Presidente do Estado da Paraíba, João Pessoa, em face da sucessão presidencial de 1930, quando ele negou-se a apoiar o candidato do presidente Washington Luis, Júlio Prestes. Vargas e a Aliança Liberal, após o assassinato de João Pessoa, em 26 de julho de 1930, por querelas locais, se usou da morte deste para deflagrar a afamada “revolução” de 1930. Como João Pessoa havia sido candidato à vice-presidência na chapa da Aliança Liberal (AL) sua morte foi apropriação em nível nacional, passando a ser apresentada por todo o Brasil como uma trama dos conspiradores atrelados a Washington Luis. O *NEGO* foi utilizado para construir uma memória oficial acerca da atuação do presidente João Pessoa no episódio da sucessão presidencial, bem como na causa de sua morte “heróica”. (Sobre a construção desse discurso nacional envolvendo a morte de João Pessoa, bem como as repercussões do Movimento de 1930 na Paraíba, ver: AIRES (2006).

por outros destinos políticos, porque Pedro Gondim, repetindo a atitude de João Pessoa se agigantou na admiração e na simpatia dos seus conterrâneos. Também em 1930 os que abdicavam do direito de lutar pelos direitos da sua terra acusavam o grande presidente de traição ao Catete, então onipotente e intolerante.

Venceram em 1930 os rebeldes, e vencerão em 1960, trinta anos depois, visto que a flama que anima a luta atual tem suas origens naquele período de grandezas da Paraíba. (*O Norte*, 03/061960, p.1).

Além de *O Norte*, a trajetória da Campanha Gondim é acompanhada, quase que diariamente, também pelas páginas do *Diário da Borborema (DB)*, desde o primeiro momento, quando a candidatura de Pedro Gondim é legalizada pelo Tribunal Regional Eleitoral, fato necessário, uma vez que o PSD pediu a impugnação da candidatura por motivos já mencionados. Nessa ocasião, o *DB* publica a seguinte nota: “T.R.E considera legível a candidatura de Pedro Gondim – Negado provimento ao pedido de impugnação formulado pelo PSD – Povo aclamou nas ruas a decisão dos juizes”. A matéria segue afirmando que

Após o pronunciamento dos membros da alta corte eleitoral considerando o sr. Pedro Gondim elegível, grande massa popular que superlotava as dependências do Tribunal e suas adjacências deslocou-se em passeata até o Comitê Central “Pedro Gondim”, acompanhando o candidato e aplaudindo entusiasticamente a decisão dos juizes. Na sede do Comitê discursaram sob aclamações do povo, os senhores Egídio Madruga, Pedro Gondim e Sílvio Porto. (*Diário da Borborema*, 01/07/1960, p.1).

Além da frase da rebeldia: “Prefiro ser expulso...” *um slogan* é construído para a campanha de Gondim, também remendo ao episódio da expulsão e da resistência. O lema levantado pelo candidato propunha a união da Paraíba em torno do sentimento de mobilização social, na forma de um desafio aos “poderosos”. Um apelo, quase uma conclamação, para que todos os paraibanos se unissem contra a família Carneiro, defendendo a “renovação” que o *homem* Pedro Gondim passava a representar. O *slogan* referido esbraveja: “Está com medo, ou está com Pedro!?”.

Através desse *slogan* percebe-se claramente o teor de provocação política presente na campanha de Gondim. Provocação num sentido de afronta, de desafio, sentimentos que o candidato buscava compartilhar com toda a população paraibana, com todos aqueles que valorizando os aspectos de nossa formação histórica e cultural,⁸ resistiriam aos abusos do PSD e demonstrariam, nas urnas, que o povo paraibano não estava com *medo*, mas sim, estava com

⁸ Sobre o discurso construído em torno da formação histórica da Paraíba, que aponta para a presença de elementos de coragem e bravura no povo paraibano, ver a discussão de Margarida Maria Dias (1996: 50) sobre o mito da *paraibanidade*.

Pedro.

Estão presentes, desta forma, no jogo eleitoral paraibano, dois dos elementos que, segundo Barreira (1998), são responsáveis pelos significados das disputas eleitorais. São eles: *o novo* e *o povo*. A articulação desses dois elementos passa a compor a sinfonia que dá o tom das representações mais recorrentes do poder político, sobretudo, nas campanhas políticas. O discurso do *novo*, que no caso de Gondim está implícito no episódio da *ruptura*, o apresenta como a nova alternativa para o futuro da Paraíba. Através de uma exploração maciça desta representação, Gondim conclama a população à participação do processo político-eleitoral. Segundo a autora, os políticos em suas falas colocam nas mãos do *povo*, enquanto eleitores, os rumos do país, e no caso específico aqui discutido, do estado paraibano. Sobre a relação do *novo* e do *povo* como aspectos significantes nas campanhas eleitorais, Barreira considera que

[...] Os significantes “novo” e “povo” têm uma função já discutida por SFEZ (1988), que é a de construção de um pólo antagônico e criador da idéia de unidade ou inimigo comum. Nessa situação, uma parte da sociedade configurada em determinados grupos sociais tenta se passar por inteira, evocando algumas investidas clássicas presentes nas noções de povo, nação e massa. Estas são espécies de figuras de salvação, que funcionam principalmente em momentos de conflito ou situação nas quais se torna necessário realizar a operação simbólica de construção da idéia de totalidade. (BARREIRA, 1998: 124-5).

Sendo assim, os jornais que elaboravam e difundiam representações positivas sobre o candidato Pedro Gondim evocam a imagem do povo, em uma associação entre o candidato e a população, com vistas a uma identificação que possibilitasse a vitória eleitoral, mas também conquista da confiança e da credibilidade dos paraibanos.

Tomamos como um exemplo da construção de uma identificação entre o povo e o candidato, a reportagem do *Diário da Borborema*, na qual são apresentadas informações de que a Paraíba estava unida em torno do nome de Pedro Gondim, dando a certeza da vitória ao candidato. O Jornal apresenta, com relação ao apoio recebido por Gondim do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) paraibano, que os trabalhadores do estado, em resposta às relações estabelecidas entre Gondim e Hermano de Sá, integrante petebista e um dos candidatos a vice governador do estado, dariam vitória a sua chapa. A reportagem diz que:

Venceram os Trabalhadores !!!

O Partido Trabalhista Brasileiro, pela sua Convenção Regional realizada domingo passado, em João Pessoa, homologou *apoteoticamente a candidatura de Pedro Gondim ao Governo do Estado*. Fiéis aos postulados de Getúlio Vargas os laboristas paraibanos preferiram respeitar as tendências do eleitorado. *O grande líder trabalhista Hermano Sá foi consagrado companheiro de chapa do candidato da vitória*. (Diário da Borborema, 05/07/1960, p.1. Grifos nossos).

Notemos que os recursos referentes ao passado histórico são novamente evocados, agora nas dimensões do nacional. A ênfase era nas possíveis relações e representações já vivenciadas e, portanto, reconhecidas pela sociedade paraibana. Analisamos esta passagem à luz do que afirma Balandier (1988: 7): “o passado coletivo elaborado em uma tradição, em costumes, é a origem da legitimação”. Ou seja, a *cultura histórica* nacional está sendo apresentada neste texto do DB em uma busca pela recomposição de supostos laços afetivos entre os paraibanos e o passado histórico nacional, principalmente no tocante a evocação da figura de Getúlio Vargas. Tais evocações buscavam a manutenção de identificações entre a sociedade e o poder público. Mantidos esses laços de identificação, se tornava possível converter tal reconhecimento em apoio e futuras vitórias eleitorais.

Em outras ocasiões, o Diário continua apresentando um discurso enfático sobre a campanha de Gondim, apontando, por exemplo, o desenvolvimento *apoteótico* de sua candidatura. Dentre essas descrições, uma nos parece merecer destaque ao descrever uma passeata do candidato em Campina Grande, a qual fora acompanhada por expressiva multidão. A reportagem afirma que

Na maior passeata que a Campina já presenciou Pedro Gondim recebeu a *apoteótica consagração de sua esmagadora vitória*. *Mais de 20 mil pessoas deliraram de entusiasmo escrevendo nas ruas da cidade emocional capítulo da história do nosso triunfo*. Os campinenses usaram os transportes do “outro” e vieram ao comício de Pedro. (Diário da Borborema, 22/07/1960, p.8. Grifos nossos).

A reportagem do dia seguinte, ainda se referindo às passeatas e comícios do candidato Pedro, nos chama ainda mais a atenção, pelos recursos metafóricos e simbólicos empregados. A narrativa, versando com astúcia e graça, já em seu título: “Balanço da Programação do ‘Outro’” apresenta de forma lúdica que

Inicialmente – (DRIBLOU) Era para ser em José Pinheiro
Intermediariamente – (ESCAPULIU) Deveria ser na Praça do Trabalho
Posteriormente – (TAPIOU) Tentaram a rua Dr. João Moura
Finalmente, escorregou e caiu de decepção na praça da Flórida, então

ocupada pelo povo de Pedro Gondim que conduzido pelo Dep. Vital do Rêgo, promoveu outro comício nas emoções triunfais da indiscutível vitória!!! (*Diário da Borborema*, 23/07/1960, p.8. Todos os deslocamentos e grifos encontram-se na própria reportagem).

Esse jogo de palavras utilizado nas descrições transformava em apoteóticos os pronunciamentos e as atitudes de Gondim. Sem dúvida eles almejavam uma reação de apoio e delírio popular, uma vez que compreendemos, concordando com Balandier (1988: 10), que o poder político não se “acomoda com a simplicidade”, mas que ao contrário, se faz necessária a exacerbação de forças, de cores, de fausto, elementos que juntos contribuem para o engrandecimento da cena do poder, apresentando e representando com glórias o sujeito alvo das significações em jogo.

Apresentados os discursos sobre a campanha de Pedro Gondim, presentes no *Diário da Borborema* e em *O Norte*, passemos ao novo discurso de *A União* sobre a sua administração. É necessário esclarecer que tal discurso é entendido como uma postura de campanha do Jornal pró Janduhy Carneiro, visto que tal mudança política explica-se porque *A União* é um órgão estatal, que sofre as mudanças dos rumos e temperaturas dos jogos e disputas de poder no Estado. Desse modo, o Estado, na figura de seus administradores, exerce poder e controle sobre a produção e circulação das informações e notícias presentes neste veículo de comunicação.

O jornal *A União*, no desenvolveu uma verdadeira retaliação política a Gondim. José Fernandes de Lima, logo que assumiu o governo do estado paraibano, demitiu grande parte dos jornalistas e editores que trabalhavam no Jornal durante a administração do ex-governador, em uma atitude que remete a uma tradição política de perseguição aos antigos aliados de uma administração, quando esta se ausenta do poder. Com esta medida de silenciamento, os novos governantes ambicionam anular possíveis oposições, dentro da própria máquina administrativa e governamental, de forma a estabilizar e uniformizar, pelo menos no campo das aparências, seu poder.

Com José Fernandes no controle do Estado, Janduhy Carneiro, o candidato do PSD, portanto, a figura da situação, passa a ser o principal personagem destacado pela imprensa estatal no período das eleições. A maior ênfase do Jornal é dada na postura de deputado do candidato, visto que nesse período ele havia se dedicado à solução dos problemas da Paraíba. Ao mesmo

tempo em que *A União* destacava a atuação de Janduhy como deputado, ressaltava sua tradição política como herdeiro de Ruy Carneiro. Desse modo, simultaneamente, o Jornal era utilizado para forjar uma representação de popularidade para Janduhy Carneiro e deturpar a imagem pública do outro candidato, no caso, Pedro Gondim.

A modificação no discurso de *A União*, como já fora referido, é compreensível uma vez que o contexto político se alterava. As novas forças que passavam a atuar na editoração do Jornal, relacionadas diretamente ao quadro de transição administrava vivenciado no Estado, sugeriam o novo tom das notícias, bem como dos novos personagens que passavam a atuar como “heróis” e “vilões” na Paraíba. Neste sentido, a imagem de Pedro Gondim passou da condição de aliado do PSD, envolto no imaginário de ser o representante do partido no poder, para o lugar de *oposição*, sendo considerado *traidor*, não só dos seus anteriormente aliados, mas também de toda a Paraíba, Gondim era assim apresentado como um homem *oportunista e ingrato* (*A União*, 02/051960, p.1).

Desta forma, *A União* passou a atacar maciçamente a imagem de Gondim, trazendo em suas críticas não apenas um ataque de teor político, mas também moral e administrativo. José Fernandes de Lima, através das páginas de *A União*, empreendeu um embate discursivo, depreciando a imagem da administração de Gondim, durante os anos de seu governo interino.

As novas informações sobre a situação econômica e social do Estado, que passavam a vigorar no noticiário de *A União*, descreviam um cenário caótico de corrupção, atraso e mazelas sociais. Os lampejos de progresso e dinamismo, apregoados durante o governo Gondim, eram totalmente suprimidos, e revertidos diariamente em críticas e denúncias, que encenavam uma crise, sobretudo econômica, que se generalizava em todo o estado, envolvendo a saúde, a educação e a segurança pública.

Em uma de suas primeiras declarações à imprensa, José Fernandes, utilizando dados das diferentes secretarias que compunham o Estado, divulgava o déficit deixado por Gondim de 392 milhões e 306 mil cruzeiros, situação desastrosa que, somada aos “esbanjamentos de verbas da administração anterior”, eram apontados como os fatores responsáveis pela crise econômica que o estado estava a enfrentar. Acusações de desvio de verbas públicas

apareciam também nessa primeira declaração do Governador.⁹ Esses desvios seriam oriundos principalmente da Secretaria de Viação e Obras Públicas, órgão que curiosamente era apontado, durante o governo de Pedro Gondim, como o mais produtivo do estado e que trabalhava incessantemente para o desenvolvimento da Paraíba.

Quanto a esse pronunciamento do governador José Fernandes, acerca da administração de Gondim, o jornal *O Norte* apresenta o seguinte discurso de defesa em favor do ex-governador:

Ao invés da preocupação com um futuro de realizações, características dos governos operosos, surgiu apenas a indefensável manobra de censurar o processo através do qual a administração anterior conseguiu realizar sua verdadeira finalidade: as obras, serviços e benefícios coletivos empreendidos em todo o Estado, durante a gestão interrompida a 17 de março. Como se aquela atitude pudesse justificar a inoperância em que, inevitavelmente, remanescerá uma equipe administrativa armada do intuito exclusivo de promover a campanha eleitoral do candidato do Governo.
[...] Não há contraditório possível entre palavras e obras e não existiria prestação de contas mais completa da eficiência administrativa, alcançado no período anterior, do que a simples alusão às conquistas mais objetivas do Governo Pedro Gondim, tão eloqüente aos sentidos e aos corações paraibanos. (*O Norte*, 01/05/1960, p.4).

Em meio às insistentes demonstrações de *A União*, sobre o apoio recebido por Janduhy por parte do *povo* do estado, bem como aos apelos para que a Paraíba reconhecesse o valor de sua experiência, a publicação de uma reportagem nos chama a atenção. A *União* traz a seguinte mensagem: “deputados paraibanos denunciam farsa udeno-queremista ao presidente J. K.”:

Mensagem de 21 deputados expõe a real situação do Estado no caso do empréstimo – Contra a demagogia, a mentira e a má fé.
Em data de ontem, a maioria dos deputados da Assembléia Legislativa do Estado redigiu ao Presidente Juscelino Kubitschek longa candente mensagem, *expondo-lhe a verdade sobre a situação financeira e administrativa da Paraíba, ao mesmo passo que repele, com justa veemência, o processo vil e demagógico, de mentiras e de desmoralizações das honrosas tradições de nosso povo e de seus atuais dirigentes.*
Nesse sentido, para conhecimento público, passemos a transcrever o referido documento que é, indiscutivelmente, *um retrato fidelíssimo da situação criada pelo sr. Pedro Gondim e, no momento, torpemente explorada pelo udenismo em desespero de causa.* (*A União*, 04/09/1960, p.4. Grifos nossos).

Essa reportagem representa um dos pontos altos da demonstração de apoio de *A União* ao nome de Janduhy, ao mesmo tempo em que denota um

⁹ Reportagem do dia 1º de abril de 1960.

apelo contundente contra a administração de Pedro Gondim. A reportagem faz uso de uma linguagem que apela para as “honrosas tradições de nosso povo”. Traz também a evocação de um passado político de glória para o estado, o qual teria sido maculado por sujeitos que em administrações desastrosas feriram tal tradição.

No entanto, findado o processo eleitoral, as urnas confirmam a “verdadeira vontade popular”, a qual recaiu sobre Pedro Gondim, no plano estadual, e Jânio Quadros, na dimensão federal.

Após a derrota do PSD, João Bernardo de Albuquerque, então diretor de *A União*, em coluna de sua autoria, traz a possível justificativa deste fato “inesperado”. A resposta à inquietação do desprestígio do partido seria a “imprecisão das decisões de povo”, que são, nas palavras de Bernardo, “uma correnteza forte, impetuosa, domá-la, ante o caudal das águas livres – é mister processos técnicos e renovados, onde a inteligência não se desenha no obsoleto do antigo sem força de persuadir”. Bernardo concluiu dizendo que: “tal reflexão se refere aos homens e partidos que perdem, porém salvaguardando a dignidade”.¹⁰

No entanto, apesar da manutenção da “dignidade do partido”, hipóteses continuam a ser elaboradas para justificar a derrota, principalmente por João Bernardo. Em uma dessas, o diretor de *A União* referencia com pesar o resultado do pleito, visto que os rumos políticos do Estado, com Gondim novamente à frente do poder, não seriam tão promissores. O texto da coluna afirma que:

[...] Mas o grupo que vai entrar no gramado da coisa pública e que dela sempre viveu – não trará, salve melhor juízo, nenhuma novidade a ponto de satisfazer o desejo, a vontade do povo, mesmo o menos exigente no uso e gozo de suas reivindicações.

Iremos ver, sem contudo forçar a vista, como quem quer ver bem.

Na Paraíba, por exemplo, entende o advogado Geraldo Freire que a coisa agora vai mudar. Mas, mudar como meu boníssimo colega, se quem estiver no Governo durante quase três anos, é o mesmo que vai continuar. E quando lá estava não fez mudar, apenas aquinhoou e favoreceu na hora da renúncia através da mira eleitoreira. *Em termos de povo de massa humana, nada sobrevive como lembrança duradoura, senão o emocional, slogan, “o homem é Pedro” que está se transformando em matança, símbolo de sangue. De desordem, de agressividade, danos materiais, deboche, ódio e vingança.* Como mudar e porque mudar substancialmente, se o elemento humano é o instrumento por excelência para isto. grifos nossos) (*A União*, 06/10/1960, p. 1. Grifos nossos).

¹⁰ Coluna de João Bernardo em *A União*, 02/10/1960, p. 1.

Apesar dos discursos difamatórios de *A União*, do teor drástico com que a vitória gondinista aparece representada por João Bernardo, poderíamos pensar que a apresentação de Gondim como candidato, sua auto-representação, a forma como *se deu a ler pela sociedade*, parafraseando Chartier (1998), se fizeram mais eficazes que a de Janduhy. Poderíamos também especular que as práticas de poder desempenhadas por ele, ainda como governador, foram as responsáveis pela eficácia das representações que acarretaram sua vitória. Mas, em qualquer destas hipóteses, poderemos apresentar uma quase certeza: a política toma cor e magia na medida em que manobra representações e se apóia em uma gama de relações simbólicas já existentes e são reconhecidas pela sociedade.

Deste modo, para nós, não apenas a retórica foi responsável pelo alcance dos tão disputados votos, mas, sobretudo, o sentido que as enunciações despertavam nas mentes e nos corações dos eleitores. Sentimentos e sensações que ajudaram a forjar a relação de reconhecimentos e pertencimento entre a sociedade paraibana e o candidato Pedro Gondim. Através da manipulação desses elementos, foi possível a Pedro Gondim, se tornar um sujeito político identificado com a população paraibana. Ele conseguiu acenar para *o povo* como alguém capaz de representá-los politicamente, a partir da delegação de poder e autoridade que está implícita em toda esta trama política.

Ressaltamos ainda, acerca dos discursos apresentados que, para além da rememoração aos feitos administrativos de Gondim durante seu governo interino, prevaleceu, durante todo o processo da campanha, a estruturação/cristalização de laços de afetividade entre Gondim e o povo da Paraíba. A população do estado era apresentada envolta no sentimento de gratidão e de reconhecimento dos valores morais do candidato, que rompendo com toda estruturada do poder local, aceitou a candidatura, como um apelo do seu povo. Estes aspectos retóricos dramáticos se configuram como a base da teatralização do poder político. Desse modo, parafraseando Nicolau Evreinov (Apud BALANDIER, 1982: 5), poderíamos afirmar que Pedro Gondim, durante todos os dias de seu Governo Interino, mas, principalmente durante o processo eleitoral que o consagrou no poder, em meio aos variados acontecimentos de tensão e conflito, pagou “o seu tributo cotidiano à teatralidade”.

Bibliografia

ARAÚJO; Railane Martins de. *O Governo de Pedro Gondim e o teatro do poder na Paraíba*: imprensa, imaginário e representações (1958-65). Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2009.

AIRES, José Luciano de Queiroz. *Inventando Tradições, Construindo Memórias*: A “Revolução de 30” na Paraíba. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2006.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1982.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. *Chuva de Papéis*: Ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1998.

CITTADINO, Monique. *Populismo e golpe de Estado na Paraíba (1945-1964)*. João Pessoa: Ed. Univ./Idéia, 1998.

DIAS, Margarida M^a Santos. *Intrépida Ab'origine*: O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1996.

DUARTE, Genes. *Sacrifício, heroísmo e imortalidade*: a arquitetura da imagem do presidente João Pessoa. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2009.

FLORES, Elio Chaves. *Dos feitos e dos ditos*: História e Cultura Histórica. In: *Saeculum- Revista de História*, ano 13, n. 16, João Pessoa, Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan./jun.2007, pp.83-102.

GEERTZ, Clifford. *Centros, Reis e Carisma*: reflexões sobre o simbolismo do poder. IM: *O saber Local*: novos ensaio em antropologia interpretativa. Trad. Vera Mello Joscelyne, Petrópolis: Vozes, 1998.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. M^a Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *Cultura política e cultura histórica no Estado Novo*. In: ABREU, Martha, SOIHET, Raquel e GONTIJO, Rebeca (Orgs). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SANTIAGO, Valdeck. *Perfil parlamentar: Século XX – Francisco Julião*. Recife: A Assembléia, 2001.

Fontes hemerográficas

A União janeiro de 1958 a janeiro de 1961). Arquivo Público Estadual – João Pessoa.

Diário da Borborema (março a outubro de 1960). Arquivo do Diário da Borborema.

O Norte (março a junho de 1960). Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico

Railane Martins de Araújo

Manifestações da cultura política paraibana: a campanha estadual de 1960

da Paraíba (IHGP).

O Norte (julho a setembro de 1960). Arquivo Maurílio de Almeida.

Colaboração recebida em 03/11/2010 e aprovada em 30/06/2010.